

Um estilo de coisas cansadas, quase perdidas

Notas sobre “Homem e estilo em Nietzsche” de Germán Meléndez*

Marcelo Percia **

Resumo: A partir do artigo de Germán Meléndez, “Homem e estilo em Nietzsche”, procura-se tecer comentários e reflexões sobre o tema do estilo. Os comentários estão entremeados por um relato de um analisando ao seu analista em que se procura definir a arte de falar em sessão, seu estilo, como insinuação e desejo pela persuasão perfeita.

Palavras-chave: estilo – solidão – incoincidência – insinuação – persuasão

Escreve Meléndez: “Em oposição à suposta impessoalidade do pensamento filosófico, Nietzsche se esforça por criar transparência em torno do fato de que a sua é a obra de um indivíduo inconfundível.” Quiçá a idéia de um indivíduo inconfundível ventila o assunto da solidão. Uma solidão não individual. Uma solidão em grupo. Uma

* Este trabalho foi apresentado nas Jornadas Nietzsche 2000 que transcorreram de 17 a 22 de outubro na Universidade de Buenos Aires. A carta e as demais intervenções foram formuladas por Marcelo Percia, psicanalista, que enquanto debatedor, elaborou um texto na forma de uma carta de um possível analisando como uma estratégia de abordagem da temática apresentada por Germán Meléndez no mesmo evento. Traduzido por Sandro Kobol Fornazari.

** Professor de Psicologia na Universidade de Buenos Aires.

solidão povoada. Uma solidão que se povoa desamparando. Uma solidão tão povoada quanto abandonada. Todo o contrário do esponjoso abraço de um rebanho. Uma solidão como multidão desprendida, desfeita, desunida. Uma solidão desamparada de quê? De uma garantia gregária? Talvez uma solidão desabrigada de moral. Uma solidão amante da estranheza.

Fico em dúvida entre escrever ou não estas notas. Por que me dirigi ao seu consultório durante tanto tempo? Às vezes penso que não falava na sessão para informar sobre coisas que haviam se passado comigo ou que estavam se passando, mas para entender as coisas à minha maneira. Esclareço, antes que o pergunte, disse: à minha maneira. Sim, meus modos de dizer, calar, insinuar, evocar, chamar, responder, perguntar. Meus modos de habitar esses infinitos. Essas formas impessoais. Esse ramallete de ações comuns. Admito, antes que o pense, que comecei a falar para que você me quisesse. Para que me visse tal como eu costumava me olhar. Em todos esses anos tratei de cativá-lo. Talvez precisasse de seu amor para confirmar algo que já não importa: a máscara pessoal que, no princípio, confundi com meu estilo. Não sei. Agora que intento me explicar sucede o mesmo que ocorria nas seções. Deslizo-me para outros lugares. Distancio-me do que queria dizer. Você me interrompe até quando lhe escrevo uma carta. Dirigia-me até o seu consultório todas as semanas para persuadi-lo. Para incitá-lo a entender as coisas tal como eu as entendia. Para infiltrar-me em seu modo de olhar. Você dirá: que pretensão desmedida! Cada vez que lhe contava algo, queria preenchê-lo com meus relatos. Ocupá-lo com minhas descrições. Saturá-lo com minhas imagens. Algemá-lo com minhas razões. O que buscava? Um estado de correspondência. A aceitação plena. Um domínio que me colocasse a salvo da suspeita. Está certo, para consegui-lo eram necessários recursos, paciência, obstinação. Talvez, para mim, a análise (digo antes que você o pense) era a busca desesperada de uma coincidência. Um modo de anular

a distância que, finalmente hoje, nos separa. Então, sonhava que um dia estaríamos unidos na percepção comum do que me passava. Queria que minha maneira fosse sua maneira.

Meléndez se apoia numa citação de Robert Solomon que diz que: “A oposição de Nietzsche ao dogmatismo não consiste na idéia paradoxal de que é incorreto pensar que as opiniões que alguém tem são verdadeiras, mas sim na idéia de que as opiniões de alguém não são, nem teriam de ser, verdadeiras para todo mundo.” Meléndez acentua a idéia de que Nietzsche argumenta a favor de uma pluralidade de perspectivas. Uma pluralidade de verdades mediadas por um vocábulo singular. Meléndez destaca que Nietzsche não escreve com a voz abstrata e onisciente da terceira pessoa. Subcreve a idéia de que o uso da primeira pessoa não deixa dúvidas sobre a quem pertence a opinião que estamos lendo. Recordamos que essa perspectiva é a sua. Meléndez conclui que Nietzsche quer que se creia nele, mas não incondicionalmente. A primeira pessoa do singular como ingresso de um teatro na escritura? A primeira pessoa como o arrebatamento que se desprende do tom ascético, anônimo, arrependido, das metodologias?

Tratava de inspirar suas conclusões. Pôr os fatos diante dos seus olhos para, depois, atraí-lo suavemente até meus pontos de vista. Não só queria demonstrar que as coisas que sentia estavam justificadas, pretendia impressioná-lo. Inclinara lentamente suas valorações. Minhas posições estavam bem fundadas, mas necessitava atraí-lo para o terreno dos meus argumentos. Você recordará o assunto que tive com certa mulher. Eu estava convencido de minha inocência. Não se me podia atribuir responsabilidade nesse fato lamentável. Queria que você pensasse o mesmo. Que confirmasse que essa injustiça se deveu, antes de mais nada, à minha inocente e espontânea inteligência. Porém, não somente aspirava convencê-lo com a contundência de minhas provas, desejava conquistar o seu

amor. Necessitava que você dissesse: “Eis aqui um homem sincero, não esconde nada, trata de elevar-se acima de todas as suas misérias e, ainda que às vezes se equivoque, é indiscutivelmente bom! Acabemos, por fim, com as suspeitas que pesam sobre suas intenções!” Adivinhava, por outro lado, a desconfiança, por trás dos seus olhos, cada vez que falávamos desse assunto. Falávamos? Bem, cada vez que me deixava cair em seu ouvido labiríntico. Quando tratava de contar-lhe o que me passava, perdia-me. Era uma sensação insuportável. Imagine-se: chegava ao encontro com uma idéia, um itinerário, um percurso; inclusive, às vezes, me dava ao trabalho de ordenar detalhes. Reunia um montão de coisas já processadas para alcançar a meta de um modo conciso, econômico, eficaz. Chegava até seus ouvidos com extrema prolixidade. Mas, sempre ocorria algo. Em nossos encontros, as torpezas tiveram mais força que minhas precauções. A inquietude começava em minhas costas. Nunca me escutava como eu queria ser escutado. A falta de controle que imperava em nossas conversações era desesperante.

Meléndez cita A. Nehamas, que escreve: “Que hão de fazer aqueles autores que querem produzir concepções acerca do mundo mas que querem também advertir a seus leitores que o que estão lendo não é mais que o ponto de vista de um autor? E, o que é mais urgente, que há de fazer um autor que quer chegar a sustentar que todo escrito é desta natureza?” Mais adiante o mesmo Nehamas oferece uma resposta a estas perguntas. Escreve: “Nietzsche usa sua mudança de gêneros e estilos para evitar que seus leitores passem por alto o fato de que suas concepções têm necessariamente sua origem nele. Apela a seus muitos estilos para sugerir que não há uma linguagem única e neutra na qual se pudesse apresentar seus pontos de vista ou quaisquer outros. Sua constante presença estilística mostra que suas teorias são tão variadas e idiossincráticas como o tipo de escrito ao qual estão incorporadas.”

Às vezes não entendia em que consistia seu trabalho. Reconhecia, em contrapartida, esforço, entrega, pontualidade, esmero, dedicação, inclusive fervor de minha parte, para que nossos encontros chegassem aonde tinham de chegar. Mas onde? Conheço suas perguntas de memória. Você me endereçava um repertório de perguntas previsíveis! No princípio, suas perguntas eram um sintoma molesto em nossas conversas. Inconvenientes próprios de cada encontro. A irrupção do filho de uma avó. Um berro que me tirava do curso. Muitas vezes, você era só a interrupção do meu relato. Durante todos esses anos (não o digo para fazer alarde, você sabe que não improviso, nem me apresso em tirar conclusões) tentei diferentes formas de chegar até você. Apesar de minhas urgências, nunca deixei de levar em conta sua especial circunstância como ouvinte. Muitas vezes teria gostado de começar a falar sem nenhuma introdução, ou abandonar uma história pela metade para seguir com outra coisa, ou ainda me deixar levar por incoerências. Mas não, não o fiz. Tratei de ordenar e eleger argumentos para que você pudesse me seguir. Recordo que uma vez tive a precaução de começar com um comentário sobre como o dia estava caloroso. Uma concessão para que tivesse tempo de entrar no assunto. Contudo, o meu nunca chegou à categoria de uma estratégia ou de uma tática expositiva. Creio que foram somente cortesias que tratavam de facilitar e tornar amenos nossos encontros.

Escreve Meléndez: “No entanto, uma das particularidades do pensamento de Nietzsche está em conceber a individualidade como algo que, se tanto, arduamente se ganha e se conquista, algo excepcional a que se chega, a que se ascende. O comum é, pelo contrário, valha a redundância, o ser comum. Em princípio não sou *eu* quem eu sou. Em princípio não se *é* quem se é; apenas, se tanto, *torna-se* quem se é. Não em vão se fala de uma busca de si mesmo. A evasão, a má compreensão e o ocultamente constituem a relação originária e persistente com respeito a si mesmo.”

Você dirá que tratei de influenciar suas emoções ou tentar seus sentimentos para que julgasse as coisas à minha maneira. Você não havia feito o mesmo? Nunca esperei que me condenasse ou me absolvesse. Minhas condutas eram as que eram. Estava claro que eu mesmo punha em dúvida, antes que você pudesse sugerir algo, a razão de cada um de meus atos. De fato, às vezes deixava algum detalhe para que você interviesse. Nesse caso, aprovava suas pontuações, mesmo entendendo que devia seguir minha rota. O caminho das coisas importantes. O lugar final ao qual havia conduzido tudo. Interpretei algumas de suas interrupções como inoportunas precipitações de um interessado. Compreendia que não podia esperar. Apesar de suas distrações, sentia-me sendo ouvido.

Meléndez cita um fragmento da terceira *Extemporânea, Schopenhauer Educador*. Nietzsche diz que estamos no mundo como um *unicum* somente uma vez. A colorida pluralidade que se aglutina em cada um não é passível de repetição. Diz que, no entanto, desaparecemos por trás das convenções. Que nos submetemos por comodidade, inércia, preguiça. Pensa que pertencer à massa nos protege de uma incomodidade.

Quando percebi seu gosto pelas brincadeiras, exercitei-me na arte de rir de mim mesmo. Adiantava-me às suas ironias. Preferia zombar de mim ao invés de aparecer ridicularizado em suas imperitências. Fazia o mesmo cada vez que cometia um tropeço lingüístico. Você foi testemunha de que eu me detinha diante de minha falta. Não tentava passar ao largo como fazem alguns incautos. Aprendi que cada interrupção era a chegada de um indesejável que tinha de ser atendido. Sempre me pareceu exagerado seu respeito por esses intrusos. Como sabia que os parêntese eram inevitáveis, não perdia tempo. Aprendi a sacrificar minha história sem que você tivesse algo para me dizer. Aceitava cortar o fio com meus próprios dentes. Tratava de estabelecer relação com esses parasitas que

eram seus protegidos. Aprendi a satisfazer os desejos que adivinhava em seus ouvidos.

Escreve Meléndez: “Não se trata, valha o esclarecimento, de uma unidade indivisa e simples, mera ausência de multiplicidade ou exclusão da mesma. Trata-se, reiteramos, de uma *sujeição* do (mais) diverso e inclusive contraditório sob ou dentro de uma unidade.”

Entre nós não se podia falar de um diálogo espontâneo. Mas não creio que se tratava de atitudes resistentes ou manobras defensivas. Ênfase que não era espontâneo para que repare no meu trabalho. Para que valorize minha dedicação. Tudo aquilo que fiz para que você pudesse me escutar. Deveria se falar de uma maestria do analisando. Tratava de apresentar, descrever, argumentar com fundamento, clareza e beleza. Mas, como expor a paisagem de um sonho? A geografia de uma aflição, de um tormento? Como passar do pensamento às palavras? Muitas coisas eu devia ter em conta: atrair, seduzir, encantar, orientar, esperar, deixar-me interromper. E ainda assim: como assegurar um relato que o colocasse diante da minha vida? Diante de meus segredos sem linguagem?

Escreve Meléndez: “A ênfase na multiplicidade tem sido a ênfase dominante por parte de alguns intérpretes recentes. Tem sido talvez uma ênfase unilateral que pode ter levado alguns leitores a pensarem em Nietzsche já não como um defensor da riqueza implícita na *sujeição* do mais diverso e contrário, mas sim algo assim como um defensor da diversidade (inclusive um promotor do caos) como *fim em si mesma*.” Meléndez sugere que a grandeza de um homem se mede por sua capacidade de *sujeição do dispar*. Talvez essa *sujeição do dispar* suponha uma sintaxe excessiva. Uma idéia de unidade que se tolere como conglomerado, como multiplicidade. Uma unidade que queira a si mesma como *incoincidência*.

Você era meu público. No princípio só falava para ter sua reação. Nunca quis apanhá-lo em minha rede de convicções, derrotá-lo em sua posição. Cada vez que me contradizia, aceitava seu ponto de vista. Meu lema era: em sessão não se discute. Dizia a mim mesmo: “Não é sua culpa. Não entendeu porque eu não soube me explicar. Sua diferença não é uma diferença, mas uma prova da deficiência de meus argumentos”. A persuasão perfeita não demonstra, não convence. A persuasão perfeita conquista sem nenhuma violência. É fonte insurgente do próprio numa consciência alheia. Transforma um oferecimento em apetite de uma demanda que requer o mesmo que se oferece. Mas, como pôr em seus ouvidos formas que pudessem suscitar aquilo que vivia em meus sentimentos? Sempre soube que era um ouvinte especial. Conhecia suas inclinações desde o princípio. Sua inclinação pela psicanálise me prevenia de que ia escutar segundas intenções em cada coisa que eu dissesse. Suas inclinações pelo marxismo me preveniam de que ia pensar meu teatro privado como parte do cenário do país. Sabia que era um homem desgostoso com o heroísmo, a culpa, a autocompaixão. Que ouvinte! Dava gosto me entregar sabendo que, por seu lado, não cairíamos no perigo de primeiras núpcias, individualismos, autocastigos.

Escreve Walter Benjamin, num texto dedicado a Proust, que *Em Busca do Tempo Perdido* é a expressão da irremediável discrepância crescente entre vida e poesia. O fastio do estilo. Recorda que “seu editor Gallimard contou como os costumes de Proust desesperavam os linotipistas. As provas lhes eram sempre devolvidas com as margens completamente escritas. Porém não escusava uma só errata; todo o espaço disponível recheava com texto novo. A legalidade da lembrança repercutia assim na dimensão da obra. Posto que um acontecimento vivido é finito, ao menos está incluído na esfera da vivência, e o acontecimento recordado carece de barrei-

ras, já que é apenas explicação para tudo o que veio antes dele e depois dele.”

Se você me permite, adaptaria ao meu trabalho uma fórmula que pertence a Aristóteles. Refere-se à arte dos retóricos. Diz: “a tarefa do retórico é em cada caso determinar: 1) o que é necessário dizer e 2) como há de se dizê-lo”. Escute minha versão atual: “durante anos tratei de cativar sua atenção, arrancar sua aprovação, seu aplauso, seu lamento; sem ter nada para dizer, contando somente com meu modo de dizê-lo”.

Escreve Nietzsche, no prólogo de *Para a Genealogia da Moral*, que somos desconhecidos para nós mesmos, que cada um é o mais estranho, o mais distante de si mesmo.

Aprendi a atendê-lo sem que estivesse na minha frente. Muitos acreditam que quando um paciente está deitado no divã perde-se o domínio da situação. Não estou de acordo. É certo que não podia ver suas reações, mas aprendi (o tempo foi meu professor) a senti-las em sua respiração, em suas mudanças de postura, quando se coçava ou seguia sendas pelos franzidos de sua calça. Como não podia vê-lo, comecei a olhá-lo. Aprendi a olhar escutando você. Creio que a única existência que conta é a que vive numa voz.

Uma ocorrência: no princípio pretende coincidir com um estranho; com o tempo, presente que uma multidão indocumentada habita em sua unidade.

Alguns confundem a persuasão com uma técnica. Um repertório de formas preconcebidas, frias manobras desentendidas de circunstâncias únicas, que não se pode repetir. Não sabem da vertigem de um encontro impossível. Aprendi que as coisas que eu dizia nunca chegavam até seus ouvidos tal como saíam de mim. Entendi que em minha boca ocorriam coisas raras. Ob-

servei que em meus pensamentos eram pensadas coisas das quais nunca me inteirava. Cada uma de minhas intenções se modificava no ar. Não se assuste se lhe confesso que tinha visões. Às vezes sentia que alguns encarapuçados seqüestravam vivências deixando em seu lugar palavras desocupadas. Ou que seus elefantes se metiam em minhas histórias rompendo cristais finos e delicados. O que me surpreendia intrépido em meio a uma multidão que não entendia minha língua. Que faina de palavras falantes faz um paciente que fala em sessão! Quanta energia desprezada! Os inexperientes desconhecem este trabalho. Confundem nosso labor com a infundada suspeita das resistências. Claro, resistências, ocultamentos, disfarces: são recursos da persuasão. Não há um modo despido de falar. Não há modo de escapar às formas. Todo relato tem alguma hipocrisia. A dignidade de um engano que leva sentimentos de um corpo a outro. Não creio que um abraço ou as carícias sejam um atalho, um caminho direto para a percepção. Em todo caso, imaginava em seu ouvido um corpo quente, emocionado, amante. Um ouvido que me escutava para além de qualquer entendimento. Observe que coisa: tantos anos para concluir que seu ouvido navegava pela superfície das minhas palavras sem entender nada!

Outra ocorrência: com *A Interpretação dos Sonhos*, Freud se inventou como analisando.

Sobre este ponto há muitos equívocos. Não escolhia os assuntos sobre os quais falava. Muitas vezes as circunstâncias me obrigavam. Não me refiro apenas a assuntos que se colocavam em meus pensamentos cada vez que ia ao seu consultório, ou aos tópicos que durante a semana se propunham como candidatos. Refiro-me, também, às recomendações com as quais me encontrava. Conselhos do tipo “isto terias de falar em tua terapia”, “comentastes tal coisa com teu analista?”

Nada teria funcionado sem o meu esforço. Às vezes tentei, apesar de suas contínuas distrações, ir ao centro de um assunto, ao miolo de uma história, ao mais difícil de uma confissão. Outras vezes optei por chegar sem um plano prévio. Falar de todas as coisas que passavam pela minha cabeça. Fiz da associação livre um fluir sem mediações. Não era simples, sobretudo por suas malditas interrupções. Ademais, em meio a vertigens de palavras, encontrava-me com o problema da superposição associativa. Eu o explico: começava a dizer algo que me recordava outra coisa, mas essa outra coisa não era outra coisa e sim multidões no pensamento, povoações de vozes em cada voz, inumeráveis interrupções em seu ouvido. Por mais que me empenhasse, chegava um momento em que tinha de me render. Não podia satisfazer todos os cursos. Comparada com a ilimitada possibilidade de falar, suas seções eram tão limitadas! Não pense que eu o condeno por não termos feito psicodrama ou exercícios com o corpo. Teriam sido outra ilusão para chegar ao mesmo lugar. A que lugar cheguei? Conheço suas perguntas de memória.

Outra ocorrência: o estilo é a dor de uma incoincidência. A algaravia do não correspondido. Uma canção do inadequado.

Você recorda daquela mulher de quem tanto eu falava? Ela me explicou que meu modo de atuar na análise parecia a prática de um silogismo incompleto. Você recordará que eu falava na sessão esperando que você completasse. Apresentava uma série de premissas sem concluir para que você chegasse até onde eu queria chegar. Esperava escutar minhas soluções saindo de sua boca. Desejava que nossa coincidência ocorresse como fato natural. Como puro acidente. Como encontro absoluto. Não queria que me desse razão (como fazem com os loucos). O certo é que para conseguir algo semelhante, isso requeria de minha parte procedimentos sofisticados. Expunha minhas convicções, meus sentimentos sinceros e, ao mesmo tempo, retinha minhas

conclusões. Fazia com que minhas retenções parecessem dúvidas, esperas, limites, pedidos de auxílio.

Meléndez toma de Manfred Frank uma idéia sobre o estilo. Diz: “Entenda-se daqui por diante por estilo, para usar uma definição de cabeceira, ‘a forma individual como o autor dá expressão lingüística a sua particular visão de mundo’”.

Um tema à parte são as sessões de perguntas que lhe eram dirigidas. Não me refiro às ocasionais, tipo se a chamo ou não a chamo, renuncio ou sigo mais um tempo, peço-lhe ajuda ou arranjo-me sozinho, digo o que sinto ou espero que as coisas se tornem mais claras. Não me refiro a essas torpezas em forma de dilema. Refiro-me a perguntas sobre a existência. Quando vou morrer? O que me assegura a saúde? Alguma vez estive apaixonado? Sempre terei trabalho? Já sei, não o diga: as perguntas dos clássicos! A mulher da qual eu sempre lhe falava dizia que a parábola do bom paciente era a do homem que recostado sobre o divã transformava o silogismo da morte em uma pergunta transcendental. Recordará: “Todos os homens são mortais; Sócrates é um homem; logo, Sócrates é mortal”. Ela dizia que um analisando deveria aprender a formulá-lo desta maneira: “Se não é possível elucidar o destino da morte, como viver sabendo dessa condenação inapelável?”. Minha amiga dizia que qualquer um que pronunciasse essas palavras alcançaria o coração da psicanálise. Talvez tivesse razão. Às vezes penso que se não fosse essa mulher não teríamos falado como o fizemos. Uma confidência: cada vez que lhe falava dela, desfrutava imaginando que você a evocava do modo como eu queria que a visse. Uma deusa com um saber que não poderíamos apanhar. Um corpo que nunca chegamos a possuir. Uma ocorrência fora de controle. Uma voz que sem concorrer não deixava de aparecer em meus pensamentos. Ela me fazia duvidar das coisas que lhe estava dizendo. Às vezes penso

que sem essa mulher nossas conversas teriam caído num círculo vicioso.

Escreve Meléndez: “Deste modo, na obra de Nietzsche encontram lugar não só um mas muitos e variados estilos e, portanto, não só uma mas muitas e variadas pessoas.” Meléndez sugere que a pluralidade de estilos na obra de Nietzsche corresponde à multiplicidade e contrariedade das máscaras que ostenta.

Uma vez sonhei que havia sobrevivido a você. Comparecia à consulta apesar de você ter morrido. Naqueles anos pensava em sua morte antes da minha. Mas, como vê, nem sequer com a sua morte imaginava um modo de terminar a análise. Aproveito para mencionar o problema de sua existência como indivíduo. Saber que você estava vivo me desvelava. Perguntava-me quanto dinheiro teria, quantos quilos pesava, como estava seu coração, que relação tinha com seus filhos. Recordo que buscava fazer com que minhas opiniões coincidissem com as suas. Não tolerava que nos encontrássemos em posições políticas opostas. Esta aresta da relação era muito delicada. Guardava na minha memória cada uma de suas ironias, de seus silêncios, de suas perguntas. Tratava de reconstruir e complementar seus pontos de vista. Num momento senti que poderia pensar como você sobre qualquer coisa. Só requeria um pouco de concentração para evocar o tom, logo as opiniões saíam de minha boca como se tivessem saído da sua. Nesses momentos saboreava nossa maravilhosa coincidência. Por fim podia viver sem que você me faltasse. A penetração perfeita de um corpo em outro, de uma consciência em outra, de um sonho em outro. Não se assuste. Não creio que isso possa desabonar o modo como você conduzia o tratamento. Só poderia reprová-lo por não haver terminado a tempo. Adivinho outra vez sua pergunta: quando teria sido a tempo?

Escreve Nicolás Rosa em *A Língua do Ausente* que: “A leitura sintomal é a única que pode projetar os fantasmas da criação, objetivamente do estilo. A fórmula inquestionável: o estilo não é o sujeito mas sim o objeto, não só formaliza as versões de estilo tradicionais como a de Buffon, como nos obriga a pensar nesse objeto duro e reluzente que se prende à escrita: o estilo é a enfermidade das formas genéricas.”

Um comentário sobre meu estilo. Dedicava-me a você. Queria que pensasse em mim como alguém distinto, incomparável, único. Creio que o estilo é a reserva amorosa do analisando. Como lhe parece minha definição? Minha ilusão final. A última esperança da fala. A constatação de que não tinha nada para dizer. Que as coisas que contei durante anos eram semelhantes a milhões de relatos que se dizem por aí. Só muda a minha maneira. A distinção de meus modos de chegar, de começar, de fazer tempo, de trazer recordações, de rir, de chorar, de me emocionar, de partir, de querer dizer mas de não ter nada para dizer. Só ficam meus rodeios, vacilações, temores, atrevimentos. Só fica meu modo de estar nesses relatos. Inclusive reconheço que vivi algumas coisas para podê-las contar. Muitas vezes falava com a intenção de esgotar o que teria de dizer. Propunha-me a não deixar nada sem mencionar, sem comentar, sem vincular. Tentei me esvaziar de palavras. Como se tivesse desejado morrer de falar. Por sorte, este súbito desfalecer nunca foi completo. Talvez você terminasse a sessão no ponto em que eu poderia sobreviver à morte. Veja o que agora penso. Talvez você desconfiasse da entrada da morte cada vez que dizia: “deixemos por hoje”. Estes cortes estiveram quase sempre em suas mãos. Digo quase sempre porque com o tempo soube antecipar esses momentos. Aprendi a senti-los. Inclusive adquiri a perspicácia de dosar as palavras para não sofrer uma despedida abrupta. Não queria sair com pensamentos desordenados, com expectativas insatisfeitas. Creio que a arte de falar em sessão é um gênero cheio de segredos. Uma

estilística de relatos partidos. Uma estilística provocada pelo desejo de outro. Uma estilística de palavras extraviadas num ouvido alheio. Uma estilística de multidões falantes numa só voz. Quantos falam quando uma palavra sai de uma boca? Dá-me preguiça descrever aqueles atos de fala povoados por infinitos falantes saindo de minha boca, infinitos falantes ingressando por seus ouvidos, seus olhos, suas mãos. Encontros de um infinito com outros infinitos. Esboços de um percurso sem representação. Vertigem de um falar que é o estilo de uma multidão. Um estilo de água, de água que corre, de água que evapora, de água que nutre a terra, de água que se bebe. Um estilo que, agora, é recordação. Desejo de um estilo. O desejo de um estilo que não se apaga.

Escreve Meléndez que: “Nietzsche se esforça sempre em expor suas concepções em determinada *forma*. A *forma* em que Nietzsche apresenta suas concepções se converte assim não só em indicativa da maneira como ele mesmo as assume, mas resulta inclusive condicionante da maneira como teriam de ser adequadamente assumidas (ou rechaçadas) por seus leitores.”

Não quero reduzir meu empenho impossível a um conjunto de recordações. Um ramo de figuras transmissíveis. Entende-me? Mas como falar do meu estilo sem dizer nada sobre mim? Como reconhecer algo se desse algo não é possível falar. Conservo a idéia de meu estilo como uma insistência que não cessa. Porque, ainda que eu tenha deixado de visitá-lo, não deixei de falar para você. Sempre seguirei lhe falando daquilo que se passa comigo. Não necessito de sua presença para realizar este ato, necessito da suspeita de sua existência, isso é tudo. Aí segue outra definição de estilo: suspeita da existência de outro para quem se deveria falar de uma maneira única. Ou: estilo, maneira única de dizer algo que talvez não se diga nunca. Potência de uma maneira que não se realiza nunca. Traço que não traça, que não se inscreve.

Ao finalizar *Para Além de Bem e Mal*, Nietzsche discute seus pensamentos escritos. Desaprova-lhes ares de honradez, exibições orgulhosas, pretensões de verdade. Nietzsche se pergunta quais são os sentimentos que se deixam escrever. Diz que só podemos capturar emoções que estão a ponto de murchar e que começam a perder seu perfume. Só podemos compreender tempestades que se afastam e se dissipam. Sentimentos tardios que se põem amarelos. Diz que só apanhamos pássaros cansados de voar, aves extraviadas, criaturas que se deixam agarrar por uma mão torpe. Diz que nossos pensamentos só governam um mundo de coisas cansadas, quase perdidas.

Não confunda meu estilo com um dialeto, com um jargão, com um modismo pessoal. Meu estilo é a perseguição de algo que não alcanço. O desejo de uma persuasão perfeita. Meu estilo não deve se buscar nas palavras que freqüentava, em meus giros sintáticos mais marcados, em meus modos previsíveis de falar. Essas coisas seriam codificáveis. Enquanto que o que chamo meu estilo era insinuação. Odeio as classificações clínicas. Esse manual de doenças que parece um dicionário de retóricas emocionais. Tormentos de símbolos. Racionalidade de paixões. Normativas psiquiátricas, médicas, psicológicas. Não são o estilo, são cadáveres de uma estilística. O estilo não é o analisando. Não creia que estou falando de uma suposta frondosidade de minha pessoa. De uma suposta multiplicidade que não se pode capturar. Não tenho nada contra a botânica. Reconheço a utilidade das classificações telefônicas. Meu estilo era uma insinuação que não chegava a ser forma, modo, figura. Um estado de tensão de algo que não termina de convergir, nem de expandir-se até desprender-se do todo. O arremedo do que foi apenas escutado, do nunca dito, do dito sem ser ouvido, do propagado até um limite que não pode ser escutado. Um estilo de coisas cansadas, quase perdidas.

Escreve Nietzsche ao terminar *Para Além de Bem e Mal*: “Oh, que são vocês afinal, meus pensamentos escritos e pintados! Há pouco tempo ainda eram tão irisados, tão jovens e maldosos, com espinhos e temperos secretos, que me faziam espirrar e rir – e agora? Já se despojaram de sua novidade, e alguns estão prestes, receio, a tornar-se verdades: tão imortal já é seu aspecto, tão pateticamente honrado, tão enfadonho! E alguma vez foi diferente? Que coisas escrevemos e pintamos, nós, mandarins com pincel chinês, eternizadores do que *consente* em ser escrito, que coisa conseguimos apenas pintar? Oh, somente aquilo que está a ponto de murchar e perder seu aroma! Oh, somente pássaros que se fatigaram e extraviaram no vôo, e agora se deixam apanhar com a mão – com a *nossa* mão! Eternizamos o que já não pode viver e voar muito tempo, somente coisas gastas e exaustas! Apenas para sua *tarde* eu tenho cores, meus pensamentos escritos e pintados, muitas cores talvez, várias delicadezas multicores, e cinquenta amarelos e vermelhos e marrons e verdade: – mas com isso ninguém adivinhará como eram vocês em sua manhã, vocês, imprevistas centelhas e prodígios de minha solidão, vocês, velhos e amados – *maus* pensamentos!” (JGB/BM § 296).

Abstract: Through the reading of Germán Meléndez’s “Man and Style in Nietzsche”, the present article aims at reflecting and making comments on the theme of style. The comments are intermixed with a report given by a patient to his analyst in which the art of speaking during a psychoanalysis session – his style – is defined as insinuation and desire for perfect persuasion.

Keywords: style – solitude – non-coincidence – insinuation – persuasion

